

CAVALO OU MOTOR

Major XAVIER LEAL

Já se tem escrito muito, ultimamente, sobre a organização da nossa Cavalaria. Se a passada guerra, com os progressos acentuados da Aviação, restringiu, até certo ponto, o papel da Cavalaria a cavalo (o pleonasma hoje é permitido) na busca de informações, a guerra atual, com a motorização em grande escala, inclusive para a própria infantaria, coloca o elemento cavalo e tudo que é hipomovel num plano verdadeiramente secundário. Isto na Europa, onde, paralelamente à motorização, estão resolvidos os problemas das estradas e do combustível.

Mas o fato é que, na guerra moderna, cavalaria no sentido mesmo do termo — tropa que se desloca e age a cavalo, não tem mais cabimento, e por dois motivos óbvios: o poder de fogo das armas automáticas, que acabou com o ímpeto das cargas e, por outro lado, pela reduzida velocidade dessa Cavalaria. O raio de ação da cavalaria a cavalo, que antigamente, constituía alguma coisa de admirável, hoje não passa de um fator mediocre comparado às possibilidades das Unidades motorizadas, das transportadas em avião e dos paraquedistas.

No que se refere, portanto, aos fatores tempo e distância, a organização da Cavalaria hipo, pode-se considerar como imprópria para os fins da guerra moderna. E quanto às resistências a vencer no campo de batalha, parece que os meios dessa cavalaria não satisfazem.

Podemos, entretanto, mudar completamente, a organização da nossa Cavalaria? Devemos acompanhar integralmente o que se passa nos exércitos europeus? O assunto, na nossa opinião, já foi brilhantemente ventilado, nas conferências realizadas na Inspetoria da Arma de Cavalaria, a última das quais, do Cap. Hugo Garrastázú, tenho à mão.

Nessas conferências, o problema foi encarado sob os seus diversos aspectos:

- mobilidade e potência de fogo
- estradas e obras de arte
- parque industrial

- desgaste e reparações do material
- produção equina
- particularidades dos teatros de operações sul-americanos.

De todo esse estudo, de todas as comparações feitas, resultou a unanimidade de opinião de que a Cavalaria não deve permanecer mais inteiramente hipo, nem pode ser inteiramente motorizada. O que nos convem, balanceando todas as condições pró e contra, é a cavalaria mixta — uma parte hipo e outra moto-mecanizada.

Ao nosso ver, não há argumentos fortes que possam impedir, no Brasil, a introdução nas D. C. brasileiras, do Grupamento moto-mecanizado, assim como da ala moto-mecanizada nos R. C. D. Os argumentos de falta de industrialização e falta de combustível não são bastantes para sustar a transformação. A indústria poderá ser adaptada e o combustível já se revelou no nosso sub-solo, além do sucedâneo representado pelo alcool-motor, cuja produção vai em escala ascensional.

O terreno no Sul do Brasil é ideal para a motorização; convida aos movimentos envolventes, às ações de larga amplitude; é permeavel em toda parte.

A motorização no Rio Grande do Sul, no Paraná e em em certas zonas de Santa Catarina, não precisa de estradas. O dorso das coxilhas permite a passagem livre. Apenas as enchentes, em consequência dos regimens de certos cursos d'água, poderia dificultá-la, mas não impedi-la. Seria uma paralisação temporária nas operações, o que qualquer outro fator poderia causar. Por outro lado, convem considerar que a motorização das Unidades de Infantaria, Cavalaria e Artilharia, implica em Engenharia motorizada, justamente para resolver esses problemas que lhe dizem respeito.

No começo da guerra atual sempre ouvimos dizer que a motorização alemã não venceria os grandes obstáculos na Noruega e, particularmente, nos Balcans. Entretanto, o célebre desfiladeiro das Termópilas foi vencido pelas unidades motorizadas germânicas.

Se o problema é de buscar uma organização conveniente, nada nos parece melhor do que a organização da Cavalaria adotada nos estudos da Escola de Estado-Maior. Uma cousa, entretanto, é preciso ser levada em grande consideração. Nos teatros de operações do Sul, sem o domínio do ar e sem uma defesa anti-aérea eficiente, as operações terrestres estarão grandemente prejudicadas.

A D. C. em estudo na Escola de Estado-Maior não dispõe de elementos especializados para a defesa anti-aérea, como bem frisa o cap. Garrastazú na sua conferência. Isto parece uma falha importante. Entretanto, estes meios lhe poderão ser adicionados pelo escalão superior.

O EMPREGO DA CAVALARIA

(Baseado em um estudo da "Revista de Cavalaria Norte-Americana")

1.º Ten. Cav. FERNANDO BELFORT BETHLEM

O sucesso de uma força de cavalaria depende de vários fatores. Primeiro, do modo pelo qual é empregada pelo Comando em Chefe; segundo, da maneira pela qual é conduzida pelo seu Chefe de Estado Maior; terceiro, do conhecimento e da iniciativa dos comandantes subordinados, especialmente de Regimento e Ala.; quarto, do estado de treinamento da tropa. Naturalmente sabemos que há uma série de outras exigências, tais como, facilidades de comando, equipamento e cavalos, terreno e inimigo, tempo, mas, apresentada uma boa força de cavalaria o primeiro dos quesitos acima citados, é o mais importante. A cavalaria de Napoleão deveu seus sucessos à maneira pela qual era empregada pelo grande Cabo de Guerra; o mesmo podemos dizer da cavalaria de Lee e de Stonewall Jakson, na guerra civil norteamericana. O pouco êxito obtido pela cavalaria federal nesta mesma guerra foi devido ao modo pelo qual a empregaram os comandantes de exército. Os grandes comandantes da História empregaram bem as suas forças de cavalaria. A presente grande guerra não tem apresentado grandes forças de cavalaria; como todo mundo sabe isto é devido ao grande crédito posto nas forças moto-mecanizadas, e na injusta campanha movida contra a cavalaria hipomovel. Os alemães não sentiram necessidade dela pelo fato de possuírem uma grande superioridade, em relação aos outros exércitos, de aviação e material mecanizado; tivessem os exércitos coponentes força aérea adequada e material mecanizado, em quantidade suficiente, os alemães teriam necessitado poderosas forças de cavalaria.

Todos os grandes exércitos, de hoje, necessitarão de uma numerosa cavalaria; naturalmente estamos falando sobre uma cavalaria moderna e não sobre a antiga cavalaria européa da primeira grande guerra.

As missões desta cavalaria hodierna deveriam ser estudadas a fundo nas escolas de aperfeiçoamento, estado maior e no curso de informações para oficiais superiores. Conforme ficou dito atrás, uma das qualidades necessárias a todo comandante de exército, nos dias atuais, é o conhecimento da cavalaria e do modo pelo qual empregá-la habilmente. Vejamos alguns desses conhecimentos:

— Em problemas escolares e em manobras parece haver uma tendência em dar-se à cavalaria missões muito além das suas possibilidades.

Por exemplo, um regimento de cavalaria recebe, algumas vezes, ordem para cobrir a frente de uma divisão de infantaria que esteja marchando em duas colunas, largamente dispersas. Isto resulta num desmembramento da unidade de cavalaria, tirando-a do controle de seu comandante e enfraquecendo-a em todos os pontos da frente. Dessa maneira, este regimento não cumpriria, na realidade, a sua missão de cobertura; seria preferível que esta unidade fosse enviada para cobrir um dos flancos da divisão de infantaria, aquele que parecesse mais importante. Qualquer outro meio seria empregado na cobertura do outro flanco. Nenhuma unidade de cavalaria deverá receber a missão de cobrir ou reconhecer frentes demasiadamente largas, que a obriguem a agir fora do controle de seus chefes. Da mesma maneira um exército composto de diversos corpos de exército e de uma divisão de cavalaria não poderá esperar desta divisão tudo que uma força adequada de cavalaria poderia dar. É óbvio que uma tropa de cavalaria de determinada força não pode fazer mais do que aquilo que lhe permite seu efetivo.

Podemos dizer, em termos gerais, quais as missões da cavalaria na guerra moderna, mas poucos parecem compreender que, para o cumprimento destas missões, necessitamos de cavalaria em grande quantidade.

Um comandante esclarecido não usaria a sua cavalaria hipomovel da mesma maneira que a sua cavalaria moto-mecanizada. Ambas são necessárias mas tem diferentes funções. A mobilidade da cavalaria a cavalo não pode ser empregada com competição com a das forças moto-mecanizadas; a mobilidade da primeira permanece como sempre foi e como tal deve ser empregada, ao passo que a da segunda é uma matéria nova e assim deve ser utilizada. A mobilidade da cavalaria hipomovel aplica-se particularmente aos movimentos em terreno variado; a mobilidade das forças mecanizadas está relacionada com a rede de estradas e os terrenos pouco dobrados. Aí reside a principal diferença no emprego destes dois elementos. É, pois, essencial que um comandante em chefe saiba como e quando empregar a sua cavalaria hipomovel e a sua força moto-mecanizada.

Uma boa cavalaria é muito difícil de fazer-se; ela não deverá ser improvisada no decorrer de uma campanha.

Cada exército em campanha deveria dispor de um corpo de cavalaria. Cada comandante de exército que tenha estudado a moderna cavalaria e suas possibilidades haverá de ter ocasiões para empregá-la propriamente e com grandes probabilidades de êxito.

Isto, porém, não será obtido enquanto não for mudada, em todos os exércitos, a atitude para com a injustiçada arma do glorioso Andrade Neves.